



A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES EM GÊNEROS TEXTUAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

José Clécio Silva de Souza¹
Elisabeth Maria Tavares²
Tania Severo³

GT7 – Educação, Linguagens e Artes

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre a importância dos alunos do Ensino Fundamental I, terem contato os mais diversos gêneros textuais. Adotaram-se os métodos etnográficos da pesquisa qualitativa e quantitativa, respaldada por referenciais teóricos bem como pesquisas de campo. Os resultados permitem afirmar a necessidade da escola fazer uso de gêneros textuais na formação de bons leitores, entretanto, há uma forte resistência de um grupo de professores que agem isoladamente em sala de aula e possuem dificuldade em trabalhar com esses gêneros textuais, por não terem prática plena para tal. Professores, gestores, governo devem estar comprometidos com a educação devendo empenhar-se em seus respectivos papéis e na reelaboração de um ensino superior que atenda as demandas sociais do momento em formar professores capacitados para uma prática de ensino que possibilite a inserção do aluno no mundo letrado.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Gêneros textuais. Formação. Alfabetização.

ABSTRACT

This article aims to present a study about the importance of elementary school students have contact with the most diverse textual genres. The ethnographic methods of qualitative and quantitative research, supported by theoretical references as well as field research, were adopted. The results enable us to affirm the school need of making use of textual genres in the formation of good readers, however, there is a strong resistance of a teachers' group who act alone in the classroom and have difficulty working with these textual genres, for not having the total practice for that. Teachers, managers, and government must be committed to education and must engage in their respective roles and in the re-elaboration of a higher education that supplies the social demands of the moment to train qualified teachers for a teaching practice that allows the insertion of the student in the world literate

Keywords: Reading. Writing. Textual genres. Formation. Literacy.

¹ Licenciado em História pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci – Uniasselvi (2013), Especialista em História da Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Ciências Educacionais da Bahia – Face Bahia (2013), Especialista em Gestão de Serviços Sociais e Políticas Públicas pela Universidade Cândido Mendes – Ucam (2015), Especializando em Libras pela Universidade Federal do vale do são Francisco (2017-atual), Professor de História na Escola Municipal de Educação Básica Manoel Moura de Souza em Delmiro Gouveia-Al (2007-atual) e Professor de História na Escola Municipal de Educação Básica Nossa Senhora do Rosário em Inhapi-AL (2016- atual). E-mail:<souza.jclecio@gmail.com>

² Licenciada em Pedagogia – Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia – Uneb – Campus VIII (2009), Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Ciências Educacionais da Bahia – Face Bahia (2013), Docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Castro Alves em Delmiro Gouveia -Al (2007 – atual). E-mail: elimts@yahoo.com.br

³ Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Faculdade Sete de Setembro - FASETE (2011). Docente de Língua Inglesa do Curso de Idiomas Cultural Norte Americano - CNA. (2017-atual). Docente de Língua Inglesa da Escola Municipal de Educação Básica Nossa Senhora do Rosário – Inhapi/Al (2016 - atual). E-mail: <taninha_sev@hotmail.com>.



INTRODUÇÃO

O insucesso escolar nos primeiros anos do Ensino Fundamental em classes populares, mais especificamente em turmas de alfabetização (primeiro ano do Ensino Fundamental), tem sido há muitas décadas alvo de questionamentos, pesquisas e intervenções por parte dos que se preocupam com a educação. O alto índice de reprovação e evasão na transição do 1º para o 2º ciclo, ou seja, a saída do 3º e ingresso no 4º ano do Ensino Fundamental em escolas alagoanas, comprovam o despreparo e incapacidade das nossas escolas para com a educação destes alunos, gerando assim o fracasso escolar que geralmente é atribuído em grande parte aos problemas de linguagem, visto que entre os termos de competência individual necessária à promoção do 1º para o 2º ciclo do Ensino Fundamental é primordial o domínio da leitura e escrita.

Nesta pesquisa trataremos do processo de alfabetização e letramento na formação do leitor no 1º ciclo do Ensino Fundamental, que refere-se de acordo com o Conselho Estadual de Educação/ Câmara de Educação Básica do Estado de Alagoas, Resolução nº. 08/2007, Art. 4º Inciso I – A PRIMEIRA FASE DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL que compreende os primeiros três anos, correspondente às crianças com faixa etária entre 06 e 08 anos.

É nesta fase, quando ingressa no 1º ciclo do Ensino Fundamental que a criança tem os primeiros contatos com a escola, com o uso formal da língua, e quando se pretende desenvolver habilidades de leitura e escrita. Assim, o professor deve criar desde o primeiro ano do Ensino Fundamental oportunidades que desenvolvam na criança o gosto e prazer pela leitura.

A carência de trabalhos em sala de aula, com os gêneros textuais, parecem negligenciar as experiências do aluno como cidadão fora do âmbito escolar, que, ao dominar a leitura em séries posteriores, não se interessam pelos textos literários trabalhados nos livros didáticos. Uma estratégia que se utilizada de forma integrada (conhecimento empírico e conhecimento sistematizado), e simultânea em atividades para as quais tenha sentido fazê-lo, valorizando as tentativas demonstradas para se aproximar da leitura com a ajuda de outros e de maneira autônoma, torne-se indispensável para que todo esse esforço obtenha resultado.

Para a realização desta pesquisa utilizamos métodos etnográficos com abordagens qualitativas e recorreremos aos teóricos da educação como Cagliari, Marcushi, Soares, Bagno,



Freire, aos Parâmetros Curriculares Nacionais entre outros, onde buscou-se subsídios que possibilitassem o aprofundamento dos estudos sobre alfabetização, letramento e gêneros textuais, revelando a ousadia em reunir dois temas indissociáveis durante o processo de alfabetização: A pedagogia, que ocupar-se-á dos aspectos sócio-históricos, cultural, cognitivo, terminológicos e metodológicos que envolvem a arte de alfabetizar e letrar; e a linguística que enriquecerá o estudo técnico e mais elaborado sobre a fala e suas variações dialetais, a escrita, a definição e funcionalidade dos gêneros textuais.

CONCEPÇÕES DA APRENDIZAGEM INICIAL DA LEITURA

O primeiro método de alfabetização prevaleceu nas escolas públicas até a década de 1980, quando ele passou a ser questionado. Emília Ferreiro e Ana Teberosky vêm amadurecer essa ideia, contribuindo para a ampliação desta concepção, que além da decodificação de sinais, trata-se do saber utilizar a escrita, da compreensão do funcionamento da língua.

Para elas, o processo de alfabetização ocorre diante de uma longa trajetória a qual é dado o nome de psicogênese da alfabetização. Através de uma sequência de níveis de concepção dos sujeitos que aprendem. Dessa forma, Ferreiro especificou quatro níveis evolutivos: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, inseridos em três períodos da evolução da escrita.

Assim no I período, situamos o pré-silábico I – Os pensamentos da criança baseiam-se no desenho (icônico), ela não descobriu que a escrita representa o modo como falamos. “Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como forma básica da mesma.” FERREIRO & TEBEROSKY (1999,p.193).

No II período, chamado período das diferenciações o pré-silábico II – a criança abandona o desenho e utiliza letras para escrever, percebe que não dá para escrever com uma letra só, pois não dá para ler, começa a utilizar critérios; intrafigurais (se expressam sobre os eixos; quantitativo, geralmente usam três letras para dar significado, e qualitativo; como variação necessária para que uma série de grafias possa ser interpretada) e interfigurais (discriminação entre uma palavra e outra. Eixos; quantitativo/qualitativo -, o que ocorre tanto no eixo quantitativo como no qualitativo é a variação da quantidade de letras e o posicionamento das mesmas).



No III período, chamamos períodos de fonetização ficam: silábico, silábico alfabético e alfabético. A criança percebe que a escrita se refere ao que se fala, e que cada sílaba corresponde a um som. FERREIRO & TEBEROISKY (1999, p.219): “Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a ”barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever.”

Assim, a alfabetização, que historicamente sempre esteve ligada a grafia e ao som (grafema e fonema), ou seja, a decodificação de sinais gráficos e não mais que isso, a partir dessa nova concepção, surge o que chamamos hoje, letramento, termo usado por alguns pesquisadores na área da educação para designar os usos (e as competências de uso) da língua escrita, que passou a exercer mais influência ao levar em consideração para o processo de alfabetização o conceito de letramento, ou seja, o uso dessas da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Durante muitos anos atingindo até a década de 1940 e meados de 1950, a concepção de alfabetização era centrada na aquisição de um sistema de código alfabético é que esclarece Queiroz (2000, p.62):

[...] o ensino da nossa língua foi sempre direcionado para a aquisição de um sistema de código alfabético, tendo como objetivo maior instrumentalizar os alunos adultos para os rudimentos da leitura e escrita. Ser alfabetizado significava, apenas, dominar a escrita do próprio nome. Era prática semelhante às desenvolvidas com as crianças utilizando cartilhas infantis. Santos... [et al.],apud QUEIROZ (2004, p.26).

Esta forma reducionista de ver o ensino da língua portuguesa sofreu uma ruptura quando o educador Paulo Freire liderando um grupo de estudiosos propôs uma nova perspectiva de alfabetização que não priorizava a leitura e a escrita, mas o conhecimento que o aluno tinha a cerca do mundo, de sua realidade.

De acordo com os estudos de Magda Soares (2003, p.24) a respeito do tema letramento, trata-se de um conceito recém-chegado no campo da educação, é na segunda metade dos anos 80 pra ser mais precisa. A mesma afirma ainda que, “o termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno



que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele.” Acrescenta ainda que foi no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo letramento surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização. (ibid, p.15).

Na verdade o termo letramento vem do inglês literacy. “Etimologicamente, a palavra literacy vem do latim littera (letra), com o sufixo -cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser...” (Soares, 2003, p.17), ou seja, literacy é o estado ou condição que assume aquele ou aquela que aprende a ler ou escrever. E não apenas ler e escrever como ressalta Soares:

Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2003, p.17)

Neste sentido, analfabeto, alfabetizado e letrado correspondem respectivamente na perspectiva de Soares (2003), ao indivíduo que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever; estado que torna o indivíduo capaz de ler e escrever; o indivíduo capaz de ler, escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição. Paralelamente a essa ideia de Soares no que se refere a inserção no mundo letrado Marcuschi, (2005, p.25), esclarece que:

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda (...) Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita

Esta posição de ambos os autores nos levam a pensar nas diferenças existentes entre o fenômeno Letramento e Alfabetização e a importância do educador implantar na sala de aulas práticas de leitura e escrita a partir de uma visão clara e sólida desses dois fenômenos.

Letramento não é leitura por si só, mas, é fundamentalmente, saber usá-la, em



meio ao mundo em que vive para informar-se sobre temas e assuntos diversos, orientar-se, posicionar-se socialmente e politicamente. E para tanto, o indivíduo necessita estar incluído no processo de escolarização, onde uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, sendo que a alfabetização é apenas uma das atribuições da escola. A escola tem projetos educacionais amplos, ao passo que a alfabetização é uma habilidade restrita. “O ideal seria alfabetizar letrando”, é o que recomenda Maria Francisca Oliveira Santos... [et al.] (2004, p. 75), afinal o professor alfabetizador precisa alfabetizar e letrar, duas ações distintas, mas não inerente. Ou seja, o professor precisa ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se torne ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

O USO DOS DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

O ato de ler supõe uma certa experiência textual, como o contato e a familiaridade com diferentes gêneros e estruturas textuais, de forma que o aluno perceba que ler texto informativo é diferente de ler uma instrução, ler notícia é diferente de ler uma história e assim por diante. E para fazer o aluno leitor, a escola deve oportunizar-lhe condições de vivenciar desde a alfabetização, a funcionalidade de cada gênero e da própria linguagem escrita. Existem diferentes formas de leitura e algumas delas podem ser praticadas ainda que alguns alunos não saibam ler de forma convencional, quando o professor lê para a classe uma notícia ou uma história, por exemplo, e faz com que os alunos comentem os textos lidos, eles estão praticando a leitura; quando repetem uma quadrinha, uma adivinha, uma história que têm na memória, ou quando lêem as gravuras de um texto, estão realizando pseudo-leituras que, naquela fase da escolaridade, constituem forma de ler.

Os gêneros textuais podem ser conceituados como “artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (MARCUSCHI, 2005, p. 30). É por essa razão que torna-se necessário organizar a proposta pedagógica de alfabetização e letramento conduzindo à apropriação de alguns gêneros, favorecendo as ações de leitura e produções de texto realmente comprometidas com o contexto sócio-histórico vivido pelo educando.

Devem ser levados para a sala de aula textos que circulam em diferentes esferas sociais, tais como imprensa escrita, literatura, escola, mídia, para que sejam discutidos a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, levando-os a desenvolver diferentes estratégias de leitura, tais como antecipação de sentidos, elaboração de inferências, localização de



informações, interpretação de pressupostos e subentendidos. As atividades podem ser planejadas e organizadas em torno de uma unidade temática em que se busque inter-relacionar os conhecimentos de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História, Geografia, Educação Artística. Neste sentido, é importante trabalhar de o início com “gêneros de uso social efetivo, como listas, relatos familiares, cartas, bilhetes, contos tradicionais e modernos, gêneros expositivos diversos.” (SOUZA, 2007, p. 62).

Numa proposta de trabalho com “Jornal” por exemplo, Souza (2007, p. 58) aponta em relação ao suporte em destaque:

Mesmo que as interações sejam às vezes limitadas, quando se pensa em crianças de zona rural, este veículo de comunicação está sempre presente no dia a dia do cidadão da zona urbana, seja para procurar emprego ou algo para comprar e vender. Além do mais, por dar prioridade aos fatos sociais que ocorrem em determinada sociedade, o jornal constitui excelente material didático para o ensino de leitura e produção de texto.

Seguindo esta linha de pensamento da autora optou-se por traçar algumas sugestões de atividades com o jornal, voltada para a leitura e produção de texto de opinião. SOUZA, (2007, p. 162) Inicialmente é sugerido ao professor fazer o levantamento do conhecimento das crianças a respeito do conteúdo do jornal (notícias, fotos, propagandas, anúncios de emprego, classificados) e de suas divisões (os cadernos ou as partes relativas à política, economia, ao esporte, à opinião, etc.), tecendo comentários paralelamente. Depois dos comentários e das explicações a respeito das manchetes, o professor lê a notícia a ser trabalhada, seguida de discussão para interpretação do texto. O professor pode sugerir também a leitura individualizada, onde o aluno lê para o professor o texto trabalhado. E, relação a produção do texto de opinião, esse pode ser feito de forma coletiva, onde o professor resgata oralmente as ideias ou informações dos alunos e transcreve no quadro e só após a elaboração do texto, este é lido pelas crianças ou pelo professor, e colocado de preferência em folha de atividade, servindo para leitura e produção de outro texto. Pode ser feito também individualmente, seguindo as instruções orais em relação a:

“[...] organização do plano textual, o esclarecimento do que se quer defender, a importância e a articulação dos argumentos, a necessidade de relacionar o término do texto a ideia inicial, os conhecimentos linguísticos relativos a forma (ortografia, concordância, pontuação, letra maiúscula).” (SOARES 2007, p.62).

O trabalho com o gênero jornalístico, por apresentar temas polêmicos e atuais, possibilita a discordância de opiniões. Mesmo que a criança não tenha condições de



argumentar por escrito seu ponto de vista, porque, está na fase inicial de escrita e não apresenta qualquer legibilidade, os diálogos e a elaboração do texto coletivo contribuem para que o aluno adquira conhecimento a respeito de textos de opinião, até porque, “[...] o aluno, mesmo na fase inicial, é perfeitamente capaz de ir se apropriando desses gêneros, na medida em que é exposto a eles, analisando-os, discutindo-os e produzindo-os”

Uma outra proposta de trabalho com o uso de um gênero de grande aceitabilidade em atividades sociais de leitura fora da escola é o texto “Frase”, assim denominado pela autora Pedrosa (2007, p. 161), “[...] tendo em vista a maioria das revistas utilizarem esse termo por ocasião da identificação do gênero na seção.”

Para ela o gênero em questão tem sido veiculado principalmente em revistas e jornais.

Em resumo: ele é veiculado geralmente em revistas e jornais; apresenta uma estrutura composicional formada da ‘fala’ do locutor/autor mais o contexto do editor; os contextos recuperados podem ser classificados (objetivo, atrelado e interpretativo); seu objetivo principal é o humor; é considerado como leitura de lazer (PEDROSA 2007, p.163).

O estudo com frases, sejam elas de revistas, jornais, artigos, e-mails etc., pode ser perpassado por trabalhos que objetivam identificar unidades semióticas não verbais (parafasal), como imagens, e como elas se relacionam com o verbal; pode ser sugerido também pedir que as crianças observem os procedimentos supratextuais, como títulos, itálicos, negritos e o que eles revelam sobre os procedimentos enunciativos.

Um aspecto relevante a ser trabalhado em sala de aula é verificar a instância discursiva em que esse gênero está incluso, pois afirma Pedrosa (2007, p.163) “Por meio de um estudo dos locutores, pode-se perceber como as “Frases” refletem as relações sociais do poder e do ter e como, às vezes, o que foi dito pelo locutor pode comprometer o seu papel social.” Dessa forma, a mídia constrói opinião, mesmo com a finalidade de divertir o leitor, através das “Frases” ela veicula explícita ou implicitamente sua visão sobre eventos e principalmente pessoas, portanto, esse gênero, mesmo pequeno em seu aspecto formal, mostrar-se-á como um grande mentor de discussões.

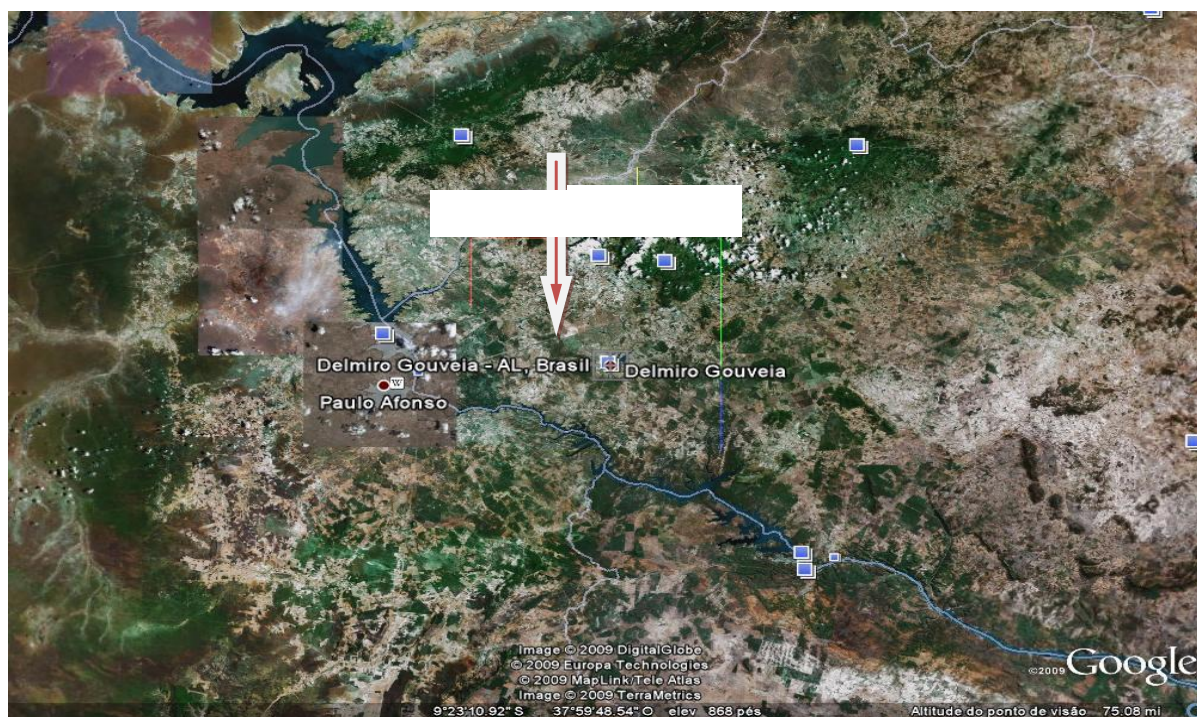
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa, o levantamento dos resultados foram obtidos através da realização de entrevistas com o corpo docente da Escola Municipal de Educação Básica Castro Alves,



bem como, a aplicação de atividades com os alunos do 3ºano desta instituição, localizada no Distrito de Barragem Leste, município de Delmiro Gouveia - AL, na grande bacia do São Francisco no semiárido, extremo oeste de Alagoas, fazendo limite com os municípios de Água Branca e Pariconha ao Norte; ao Sul com o Rio São Francisco (lago das hidrelétricas de Paulo Afonso e Xingó); ao Oeste com o rio e o lago Moxotó; e ao Leste com o município de Olho D'água do Casado. Trata-se de um Município histórico com o seu nome, uma homenagem ao desbravador cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, fundador da Vila da Pedra, hoje Delmiro Gouveia.

FIGURA 1: Localização do município de Delmiro Gouveia - AL



FONTE: Google Earth

Este trabalho é fruto de uma pesquisa aplicada, onde, procurou-se estabelecer conhecimentos úteis à solução dos problemas sociais da comunidade em estudo. Sendo a mesma de cunho quantitativo e qualitativo, pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas. Optou-se por utilizar os métodos etnográficos com abordagens qualitativas, a fim de compreender o modo, como os professores trabalham a leitura na sala de aula, enfocando as questões da pesquisa e os objetivos a serem alcançados. Essa metodologia será a mais adequada ao estudo das relações pedagógicas, inter pessoais, principalmente por apontar para uma nova maneira de fazer ciência, (MACEDO,2004), considerando todo o ambiente escolar,



as sessões de orientações, a relação professor-aluno, as interações entre os alunos, as construções das regras de convívio, a associação de pais, formas de avaliação, entre outros assuntos que emergem como campos significativos para os estudos etnometodológicos.

Para fundamentar a pesquisa, foram utilizados como literatura específica deste trabalho vários livros dentre os quais formaram a literatura base: CAGLIARI (1993); MARCUSCHI (2007); SOARES (2003), bem como, artigos de revistas científicas, acessados no banco de dados do Scielo, Nova escola online, Pepsic e outros sites da internet com temas afins ao estudo proposto nesta pesquisa.

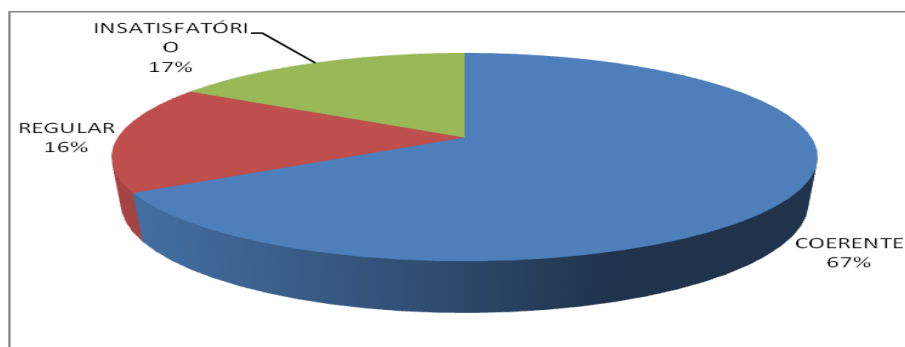
RESULTADOS E DISCUSSÕES

O contato inicial da criança com a linguagem desde o início dos anos de sua vida reflete basicamente na importância da leitura. Todo o processo de aquisição da leitura e escrita se confluem para as reais necessidades sócios humanos de estarem preparadas para uma grande diversidade de situações que possam exigir globalmente do ser humano como elemento que está em constante desenvolvimento cultural. Dessa forma, não mais se pode aceitar a intervenção da escola sobre o educando, na perspectiva de horizontes limitados, e isto implica a todos que fazem parte da educação, torna-se imprescindível conhecer, refletir, e aprimorar todo o cotidiano da escola, inclusive em se tratando do uso dos gêneros textuais usuais no dia a dia da criança como uma grande ponte para a leitura.

Mediante análise das entrevistas realizadas com o corpo docente do primeiro ciclo da escola em estudo, pode-se fazer algumas observações relevantes para este estudo. A ideia que permeia a prática pedagógica de 67% dos professores está centrada num conceito amplo do termo “alfabetização”, que significaria tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos desses conhecimentos linguísticos em práticas sociais.



GRÁFICO 1: Conceito de alfabetização segundo os docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Castro Alves



FONTE: Pesquisa realizada em julho de 2017

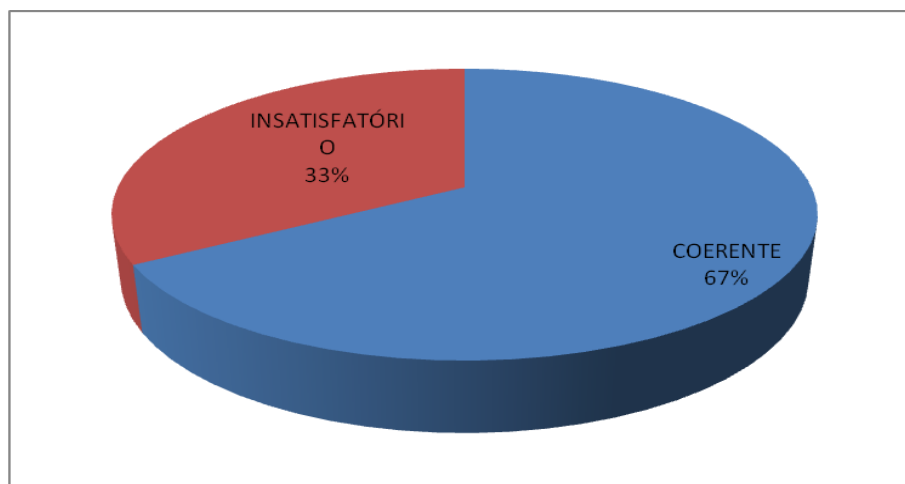
Este caráter que os professores denotam ao termo “alfabetização”, provoca uma ruptura com a concepção tradicional de que ler é decodificar palavras, transformando os sinais gráficos em sons, e caracteriza-se como um conceito de método analítico que considera que ler é mais importante que decifrar; que o sentido do texto tem mais importância que o som do texto.

Este conceito está associado a um processo de ensinar e aprender habilidades de codificação e decodificação da leitura. O que em linhas gerais sabemos que não significa a alfabetização a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-o em sons, e vice-versa, mas, fundamentalmente apropriar-se das habilidades de leitura e escrita, e inserir-se num mundo letrado de forma efetiva.

Quando questionados sobre o papel do professor na formação de seus alunos leitores, 67% dos professores demonstraram coerência, quando enfatizaram a necessidade de direcionar as suas aulas tendo como base o uso de recursos variados para incentivar a prática da leitura.



GRÁFICO 2: Avaliação dos professores em relação ao seu papel na formação de alunos leitores



FONTE: Pesquisa realizada em julho de 2017

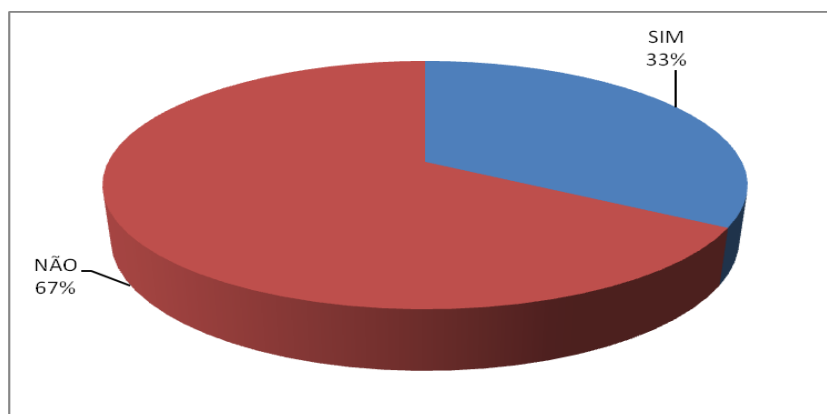
Esta visão reducionista do papel do professor, diante das exigências emergentes ao estudo da língua, provavelmente não garante por si só o aprendizado inicial da leitura. Para que esta aprendizagem torne-se possível, é preciso que o professor tenha em mente que só se aprende a ler, lendo, observando outras pessoas fazerem o mesmo, tentando e errando sempre orientados pela busca de significado ou pela busca de produzir algo que tenha sentido. É importante criar momentos de leitura em sala, no pátio, ou fora da escola onde os alunos possam ler livremente e discutir os diferentes usos da leitura e suas funções.

No que se refere à inclusão dos gêneros textuais no planejamento e prática docente, uma quantidade de 67% dos educadores em entrevista revelaram total facilidade em se aplicar o trabalho com os gêneros textuais em sala.

Estes veem o planejamento como algo fundamental para que se promova uma prática educacional efetiva e coerente. Consideram pertinente que a sequência didática deva apresentar atividades com os gêneros textuais que facilitem a relação com os conteúdos e objetivos que fazem parte do currículo escolar, e de temas atuais, onde os alunos possam formar uma opinião a respeito.



GRÁFICO 3: Dificuldades dos docentes em trabalhar com diferentes gêneros textuais



FONTE: Pesquisa realizada em julho de 2017

Já 33% declararam-se despreparados para essa prática. Esta realidade aponta para a necessidade de se expandir a proposta de formação continuada de professores aos profissionais da educação contratados, mas que, encontram-se em sala de aula, e sentem-se despreparados para o trabalho com a diversidade de gêneros textuais.

A falta de preparação dessas professoras reflete a falta de incentivo à leitura percebida em sala de aula durante as observações. Os alunos apresentam pouca ou quase nenhuma leitura de mundo, isso se constatou a partir perguntas direcionadas aos mesmos em momentos de recreio sobre cartazes afixados à parede da escola. Os alunos de ambas as turmas sequer sabiam de que se tratava e não faziam esforço algum para lê-los. Já em outras turmas, os alunos que não tinham o domínio da leitura levantavam hipóteses a partir das figuras existentes no cartaz, enquanto outros liam com prontidão e tentavam compreender a mensagem transmitida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estudo proposto nesta pesquisa considera que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis. O professor ao alfabetizar, nessa concepção, ultrapassa o simples ler e escrever e conduz a outras práticas sociais, imprimindo novas relações, conhecimentos, formas de linguagem e bens culturais. Os alunos precisam ser envolvidos em situações concretas de produção de significados, seja na leitura ou na produção de textos.



Ao professor dos anos iniciais cabe a tarefa de conciliar esses dois processos, assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e condições possibilitadoras do uso da língua em práticas sociais de leitura e escrita. Em tempos modernos quando o professor se percebe como um indivíduo em contínua aprendizagem torna-se necessário que ele mude a relação que tem com o saber. Mas não é só isso, ele precisa voltar a ser aluno para aprender a ensinar por outra perspectiva, desenvolvendo várias estratégias de aprendizagens e diferentes papéis num mesmo contexto. Baseado na diversidade dos textos que circulam socialmente e como o uso eficaz da linguagem deve atender às necessidades pessoais de cada momento histórico, o professor das séries iniciais passou a ter um objetivo primordial para garantir a aprendizagem da leitura em um universo mais amplo, e este é o atual papel do professor na formação de alunos leitores.

Podemos afirmar ainda que o trabalho em sala de aula com os textos de uso social podem mostrar-se como um bom recurso não apenas para as aulas de linguagem, pois estes atingem vários eixos temáticos pertencentes ao currículo escolar, e por estarem intrinsecamente voltados a práticas de leitura e escrita. Cabe a nós educadores centrar no passo de como se aprende.

É o contato com o vasto material escrito que permite mais e mais o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, pois a leitura não pode ser ensinada, a responsabilidade do adulto é facilitar o aprendizado desta atividade através do acesso da criança a uma variedade de textos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2 ed. São Paulo:Cortez.1994.

BORUCHOVITCH, Evely. **Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental**. Psicol. esc. educ. [online]. jun. 2001, vol.5, no.1 [citado 30 Julho 2009], p.19-25. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572001000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-8557. Acesso em 18 de fevereiro de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília:1997.



CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CIPRIANO, Lúcia Helena Ribeiro; WANDRESSEN, Maria Otilia Leite. **Coleção Linhas e entrelinhas**. 2. Ed. Paraná: Positivo, 2006.

ESTADO DE ALAGOAS, Conselho Estadual de Educação, Câmara de Educação Básica. **Resolução N°. 08/2007 CEB/CEE-AL**.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**-Trad.:Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Márcio Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP.:EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005

_____. **Gêneros textuais e ensino**. Im Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENEZES; TOSHIMITSU; MARCONDES. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Gêneros textuais e ensino**. Im Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Revista MUNDO ESCOLA, Ano 1, abril de 2009, **As boas e as más notícias da educação brasileira**. Claudio M. Castro.

SANTOS, Maria Francisca de Oliveira. **Gêneros textuais: na educação de jovens e adultos**. 2 ed. Maceió: FEPEAL, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2003.